

Rio - 12 - Novembro - 1938

Caro Nelson:

Recebi ontem à noite a sua carta de 6, a segunda que me chega depois de sua partida. A resposta é primeira foi escrita, mas perdi-a e tive peregrina de fazer outra, o que teria sido muito difícil, porque eu andava com a vida miserabilíssima. Um horror, seu Nelson, meu buraco, se as coisas melhorarem, preciso escrever bem um cent de cartas. Estou selvagem, estou completamente selvagem.

Não encontrarei o Emil Farkas, mas vou procurá-lo hoje e transmitir-lhe a sua proposta ao Chateaubriand. Por segurança, entendo-me também com José Lino e com Dario Magalhães. E falei a Octavio Tarquinio, que paga com mil reais por artigo para a Revista do Brasil. O Farkas lhe mandará logo a resposta. E se eu conseguir alguma coisa, na empresa do Chateaubriand ou forte della, avisá-lo-ei. Desta vez não peço peregrina como da outra.

Sim, vi o Trecho publicado no O Jornal, ótimo, tão bom que fiquei meio desconfiado, pensando que aquilo não era comigo. Você quer transformar-me num sujeito importante, Nelson, e eu me atrapalho, mas me agito nessas questões enormes. Sou grato pelas obrigações de procurar e acomodar-me. O Trecho que você me dá é realmente magnífico.

Beim, Nelson, adeus. Um grande abraço do

Francis de Assis